

As mentiras que o Ocidente cria e depois consome

By [Andre Vltchek](#)

Global Research, December 08, 2019

Depois de terminar o meu trabalho no Médio Oriente, pelos menos por agora, estava à espera do meu voo para Santiago do Chile. Em Paris. Podia contar com alguns dias “livres”, a processar o que ouvi e testemunhei em Beirute. Dia após dia, durante longas horas, sentei-me num *lounge*, a teclar e a teclar; a reflectir e a teclar.

Enquanto trabalhava, por cima de mim estava sintonizado o canal noticioso France 24, a emitir de um ecrã plano.

As pessoas em meu redor iam e vinham: as elites da África Ocidental nos seus frenéticos frenesins de compras, a berrar sem qualquer cerimónia para os seus telemóveis. Coreanos e japoneses a visitar Paris. Rudes alemães e norte-americanos do tipo encorpado, a discutir negócios, a rir vulgarmente, a ignorar os “inferiores”, na realidade todos os que se encontravam nas suas imediações.

Acontecesse o que acontecesse no meu hotel, a France 24 estava sempre, sempre e sempre ligada. Sim, precisamente; as 24 horas do dia, reciclando durante dias e noites as mesmas histórias, de quando em vez actualizando as notícias, com um ar de superioridade ligeiramente arrogante. Aqui, a França julgava o mundo; ensinando a Ásia, o Médio Oriente, África e América Latina sobre si mesmas.

Perante os meus olhos, acima de mim, naquele ecrã, o mundo estava a mudar. Durante muitos meses cobri o pesadelo dos motins dos traiçoeiros e violentos ninjas de Hong Kong. Estava a acontecer em todo o Médio Oriente, principalmente no Líbano, e agora estava a caminho do meu segundo lar, a América Latina, onde o socialismo continuava a ganhar eleições, mas estava a ser agredido, mesmo aterrorizado, pelo corrupto e malicioso Império ocidental.

Tudo o que a France 24 estava a mostrar, testemunhei regularmente com os meus próprios olhos. E mais, muito mais, de muitos ângulos diferentes. Filmei-o, escrevi acerca disso, analisei-o.

Em muitos países, mundo fora, as pessoas tinham partilhado as suas histórias comigo. Estive nas barricadas, fotografei e filmei corpos feridos, bem como o tremendo entusiasmo e ânimo revolucionário. Também testemunhei traições, deslealdades e cobardia.

Mas no *lounge*, à frente do aparelho de televisão, tudo parecia bastante na moda, com muita classe, e reconfortante. O sangue parecia uma paleta bem misturada, as barricadas um palco do musical mais recente da Broadway.

As pessoas estavam a morrer de um modo sublime, os seus gritos emudecidos, teatrais. A elegante apresentadora no seu vestido de estilista surgia benevolente, sempre que as pessoas no ecrã se atreviam a mostrar alguma emoção mais forte, ou torciam o rosto com

dor. Era ela quem mandava, e estava acima de tudo isto. Em Paris, Londres e Nova Iorque, as emoções fortes, os compromissos políticos e os grandes gestos ideológicos estavam fora de moda, há já muito tempo.

Durante os poucos dias que passei em Paris, mudaram muitas coisas, em todos os continentes.

Os amotinados de Hong Kong estavam a evoluir; a começar a incendiar os seus compatriotas só por se atreverem a manifestar a sua fidelidade a Pequim. Mulheres eram agredidas sem cerimónia, com barras de metal, até ficarem com os rostos cobertos de sangue. No Líbano, o enorme punho cerrado do Otpor favorável a uma mudança de regime pró-ocidental estava subitamente no seio das manifestações antigovernamentais. A economia do país colapsava. Mas as “elites” libanesas estavam a torrar dinheiro, à minha volta, à volta de Paris e à volta do mundo. Os pobres miseráveis libaneses, bem como a classe média empobrecida, exigiam justiça social. Mas os ricos do Líbano gozavam com eles, exibindo-se. Tinham tudo pensado: tinham roubado o seu próprio país, depois abandonaram-no, e agora estavam a fazer um enorme baile aqui, na “cidade das luzes”.

Mas criticá-los no Ocidente tem sido tabu; proibido. O politicamente correcto, a todopoderosa arma ocidental utilizada para manter o *status quo*, tornou-os intocáveis. Pois são libaneses; do Médio Oriente. Um belo acordo, certo? Roubam os seus conterrâneos médio-orientais, mas em Paris ou em Londres é tabu expor a sua “cultura” do deboche.

No Iraque, os sentimentos anti-xiitas, e como tal anti-iranianos, foram fortemente e claramente disseminados do estrangeiro. O segundo grande episódio da dita Primavera Árabe.

Os chilenos têm estado a lutar e a morrer, a tentar depor um sistema neoliberal, que lhes fora enfiado garganta abaixo desde 1973 pelos Chicago Boys.

O movimento socialista boliviano, bem-sucedido, democrático e racialmente inclusivo, foi derrubado, por Washington e pelos traiçoeiros quadros da elite boliviana. As pessoas também têm estado a morrer aqui, nas ruas de El Alto, La Paz e Cochabamba.

E lá está Israel outra vez, em Gaza. Em plena força.

Damasco foi bombardeada.

Fui filmar os argelinos, os libaneses e os bolivianos; pessoas que estavam a defender os seus programas na Place de la République.

Antecipei os horrores que esperavam por mim, brevemente; no Chile, na Bolívia e em Hong Kong.

Escrevia, febrilmente.

Enquanto murmurava o aparelho televisivo.

As pessoas entravam e saíam do *lounge*, encontravam-se e separavam-se, a rir, a gritar, a chorar e a fazer as pazes.

Nada a ver com o mundo.

Os rasgos de gargalhadas indecentes irrompiam periodicamente, mesmo enquanto as bombas explodiam no ecrã, mesmo enquanto as pessoas carregavam contra a polícia e os militares.

**

Então, um dia, percebi que toda a gente se estava nas tintas. Assim; tão simples.

Testemunhamos o que acontece, em todo o mundo; documentamo-lo. Arriscamos a nossa vida. Envolvemo-nos. Somos feridos. Por vezes ficamos perto, extremamente perto, da morte.

Não vemos televisão. Nunca, ou quase nunca. Aparecemos na televisão, isso sim; providenciamos histórias e imagens. Mas nunca testemunhamos os resultados; que emoções o nosso trabalho, palavras e imagens realmente evocam. Ou não evocarão sequer quaisquer emoções? Só trabalhamos para os órgãos de comunicação social anti-imperialistas, nunca para os da corrente dominante. Mas para quem quer que trabalhem, nunca fazemos ideia das expressões faciais que os nossos relatos das zonas de guerra despertam. Ou as emoções que os relatos de qualquer zona de guerra agitam.

E depois, estamos em Paris, temos algum tempo para observar os nossos leitores, e subitamente compreendemos.

Compreendemos: porque tão poucos escrevem, apoiam a tua luta, ou se batem até pelos países que estão a ser destruídos, dizimados pelo Império.

Quando olhamos em volta, a observar as pessoas que estão sentadas no *lounge* de um hotel, percebemos claramente: não sentem nada. Não querem ver nada. Não compreendem nada. A France 24 está ligada, mas não é um canal de notícias como era suposto ser, há muitos anos. É entretenimento, o qual é suposto produzir um sofisticado ruído de fundo. E faz. Precisamente isso.

Tal como a BBC, a CNN, a Fox e o Deutsche Welle.

Enquanto o presidente legitimamente eleito da Bolívia era forçado ao exílio, de lágrimas nos olhos, peguei no comando e mudei de canal para um qualquer bizarro e primitivo canal de desenhos animados.

Nada mudou. As expressões nos rostos das cerca de vinte pessoas em meu redor não sofreram qualquer alteração.

Se no ecrã tivesse explodido uma bomba nuclear, algures no subcontinente, ninguém ia prestar qualquer atenção.

Algumas pessoas estavam a tirar *selfies*. Enquanto eu descrevia o colapso da cultura ocidental no meu MacBook. Estávamos todos ocupados, à nossa maneira.

Caxemira, Papua Ocidental, Iraque, Líbano, Hong Kong, Palestina, Bolívia e Chile estão a arder.

E depois?

A dez metros de distância, um empresário americano berrava ao telemóvel:

“Vão convidar-me a voltar a Paris em Dezembro? Sim? Temos que tratar dos pormenores. Quanto é que vou receber por dia?”

Golpes, insurreições, motins, no mundo todo.

E aquele sorriso profissional, plástico, da senhora, a apresentadora, no seu vestido retro azul e branco de estilista; tão confiante, tão francesa, e tão infundavelmente falsa.

Ultimamente, não deixo de indagar se os habitantes da Europa e da América do Norte terão algum direito moral a controlar o mundo.

A minha conclusão é: definitivamente não!

Eles não sabem, e não querem saber. Aqueles que detêm o poder é que têm a obrigação de saber.

Em Paris, Berlim, Londres, Nova Iorque, os indivíduos estão demasiado ocupados a admirarem-se, ou a “sofrer” com os seus problemas pequenos e egoístas.

Estão demasiado ocupados a tirar *selfies* e com a sua orientação sexual. E, claro está, com os seus “assuntos”.

É por isso que prefiro escrever para a comunicação social russa e chinesa, para me dirigir a pessoas que estão assustadas tal como eu, ansiosas quanto ao futuro do mundo.

Os editores desta revista, na distante Moscovo, na mesma medida sentem ansiedade e dedicação. Sei que sentem. Eu, e os meus relatos, para eles não somos mero “negócio”. As pessoas cujas cidades são esmagadas, arruinadas, não constituem qualquer tipo de entretenimento na redacção da *NEO*.

Em muitos países ocidentais, as pessoas perderam a sua capacidade de sentir, de se envolver, e de se bater por um mundo melhor.

Devido a esta perda, deviam ser obrigadas a abdicar do poder que possuem sobre o mundo.

O nosso mundo está estragado, cicatrizado, mas é extremamente belo e precioso.

Trabalhar para que se aperfeiçoe e sobreviva não é um negócio.

Só podemos confiar nos grandes sonhadores, poetas e pensadores para que o defendam, o façam avançar.

Existem muitos poetas e sonhadores entre os meus leitores? Ou assemelham-se, e comportam-se, como os hóspedes naquele lounge de hotel em Paris, perante o ecrã que emitia a France 24?

Andre Vltchek

Versão Inglesa:



[Lies Which the West Manufactures and Then Consumes](#)

Este artigo foi publicado originalmente na New Eastern Outlook.

Tradução: Flávio Gonçalves

Andre Vltchek é jornalista de investigação, filósofo, romancista e cineasta. Já cobriu guerras e conflitos em dezenas de países. Em língua portuguesa tem publicado o livro "[Por Lula: O Brasil de Bolsonaro – O Novo Tubarão Num Mar Infestado de Tubarões](#)", entre as restantes obras encontramos estas quatro: [China and Ecological Civilization](#) com John B. Cobb, Jr., [Revolutionary Optimism, Western Nihilism](#), o romance revolucionário "[Aurora](#)" o e best seller de não ficção política, "[Exposing Lies Of The Empire](#)". Pode consultar [aqui](#) as restantes obras. Veja [Rwanda Gambit](#), o seu documentário inovador sobre o Ruanda e a República Democrática do Congo e o seu filme/diálogo com Noam Chomsky "[On Western Terrorism](#)". Vltchek reside actualmente no Oriente asiático e no Médio Oriente, continuando a trabalhar em todo o mundo. Pode ser contactado através [do seu portal](#), do seu [Twitter](#) e do seu [Patreon](#).

The original source of this article is Global Research
Copyright © [Andre Vltchek](#), Global Research, 2019

[Comment on Global Research Articles on our Facebook page](#)

[Become a Member of Global Research](#)

Articles by: [Andre Vltchek](#)

About the author:

Andre Vltchek is a philosopher, novelist, filmmaker and investigative journalist. He covered wars and conflicts in dozens of countries. His latest books are: "Exposing Lies Of The Empire" and "Fighting Against Western Imperialism". Discussion with Noam Chomsky: On Western Terrorism. Point of No Return is his critically acclaimed political novel. Oceania - a book on Western imperialism in the South Pacific. His provocative book about Indonesia: "Indonesia – The Archipelago of

Fear”. Andre is making films for teleSUR and Press TV. After living for many years in Latin America and Oceania, Vltchek presently resides and works in East Asia and the Middle East. He can be reached through his website or his Twitter.

Disclaimer: The contents of this article are of sole responsibility of the author(s). The Centre for Research on Globalization will not be responsible for any inaccurate or incorrect statement in this article. The Centre of Research on Globalization grants permission to cross-post Global Research articles on community internet sites as long the source and copyright are acknowledged together with a hyperlink to the original Global Research article. For publication of Global Research articles in print or other forms including commercial internet sites, contact: publications@globalresearch.ca

www.globalresearch.ca contains copyrighted material the use of which has not always been specifically authorized by the copyright owner. We are making such material available to our readers under the provisions of "fair use" in an effort to advance a better understanding of political, economic and social issues. The material on this site is distributed without profit to those who have expressed a prior interest in receiving it for research and educational purposes. If you wish to use copyrighted material for purposes other than "fair use" you must request permission from the copyright owner.

For media inquiries: publications@globalresearch.ca